



## Saudação ao Batalhão de Engenharia

*Discurso pronunciado pelo Dr. GUSTAVO BARROSO, no aniversário do 1.º B. E., em 1.º de Abril de 1924, quando o inesquecível Gen. MALAN D'ANGROGNE, então Coronel, comandava aquela unidade de elite.*

Para falar aos militares, é necessário usar duma linguagem especial. Feliz de quem pudesse reunir, pois, numa saudação como esta, à simplicidade concisa de Cesar, o ardor daqueles pequeninos tropos condoreiros das proclamações com que Napoleão costumava eletrizar seus soldados. Tenho pena de não poder dirigir-me, neste dia de festa, ao Batalhão de Engenharia, com talento e com vigor. Mas estou certo de ser perdoado, porque falarei com sinceridade, tanto na qualidade de paisano, em nome do elemento civil e da intelectualidade da Pátria, que não perdem de vista seus defensores, quando mesmo na de soldado, porque, posso dizê-lo com justo orgulho, sempre o fui de coração.

Vós, oficiais e soldados do batalhão de Augusto Machado e de Mascarenas Auroca, sois uma das mais vivas e refulgentes tradições do Exército Brasileiro. Os homens que constituíram a República e muitos dos que lhes sucederam, não sei bem por que, entenderam de matá-las com a sua má vontade e com o seu desprezo. Sucessivas transformações e reformas acabaram entre nossos militares com o espírito de corpo, filho da emolução e da glória, um dos maiores e melhores estímulos da disciplina e da bravura. Na França, os regimentos básicos de qualquer arma datam de Luis XIV. Sob êste, ou aquele numero vivem ainda o Royal Auvergne, ou o Royal Normandie. Ha corpos inglêses da época

de Jorge III e da época de Oliverio Cromwell. As melhores unidades prussianas eram multiseculares.

Si a nossa história guerreira registra os gloriosos apelidos de DOIS DE OURO, do TREME TERRA, do BOI DE BOTAS, já o militar de hoje não conhece mais essas valorosas tropas de antanho. Em que corpo se transformou o antigo 2.<sup>o</sup> de Fusileiros, de tão abnegados serviços ao país? Quem representa agora o batalhão de Tibúrcio, êsse louco 12.<sup>o</sup> de infantaria, a cujo passo de carga a terra estremecia toda? Onde anda aquela formidável Artilharia a Cavallo do Rio Grande, vencedora nunca vencida, de calças abanadas e penachos flamantes, *bois de botas* famigerado nas campanhas do Sul? E a quem legaram a tradição de seus feitos e de seus uniformes a célebre Guarda de Honra da Independencia, os regimentos brancos e vermelhos dos Henriques, que datavam da guerra holandesa, o 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> de Infantaria do Rio de Janeiro?

Devemos confessar com amarga tristeza que não é possível, no nosso Exército, restabelecer nos atuais a filiação dos regimentos e batalhões antigos. As constantes reorganizações, muitas delas verdadeiras desorganizações, geraram uma anarquia horrível e deram fim aos arquivos. Entretanto, a tropa podia ter sido organizada de acôrdo com as exigências modernas, aumentada, acrescidos os efetivos, como na França, na Alemanha, na Austria, na própria Argentina, sem que houvesse necessidade de liquidar os corpos de tradição.

Talvez mais devido ao acaso benfazejo do que ao critério dos administradores, ha duas excepções nessa barafunda, que devemos amar e conservar como sagrado tezouro. A mais velha já passa dum século: é o 1.<sup>o</sup> de cavalaria, guarda de Vice-Reis, guarda do Rei, guarda dos Imperadores, guarda de Presidentes cujo vivo branco nunca se sujou e sempre se cobriu de glória; regimento que devia ser entre nós emulos dos Granadeiros a Cavallo da Argentina, dos Blandengues uruguayos, dos Cadetes ianquis de West Point, dos Life Guards inglêses, dos Guias belgas, dos Life Dragons da Suecia, dos Leib Cuirassieren prussianos e de tantos outros corpos tradicionais; regimento, enfim, dos Dragões da Independencia!

A segunda tradição já conta mais de meio século, sessenta e nove anos, e está nas vossas mãos, que sempre souberam zelar por ela, quer brandindo os instrumentos pacíficos, na faina obscura, mas não menos gloriosa, das estivas, das picadas, das saps, das minas e dos pontões, quer bramindo as lâminas de aço tapezapeantes e as carabinas a fumegar, nas ocasiões em que o sapor e o pontoneiro precisavam combater à sombra dessa bandeira auri-verde, cujo centro mudou de côr e forma, porém, cujas côres e cujo traçado são os mesmos de Paisandú, de Tuiuti e do Estero Bellaco.

Batalhão de Engenharia, és o guarda augusto duma augusta tradição nacional. Si a data da tua criação, 1855, não consentiu que fôsses companheiro dos invasores da Cisplatina; que ajudasses a formar aqueles másculos quadrados dos caçadores baianos e pernambucanos de João Crisostomo Calado e de Sebastião Barreto, que espantaram os argentinos de Alvear pelo seu heroísmo, no Passo do Rosario; e, si não entraste em Monte Caseros, irmão mais novo das unidades que se cobriram de sangue e de glória nessas campanhas, não mereces menos da Pátria, pois que o destino de reservava no Paraguai dias em que te deverias encher do maior e mais legitimo orgulho!

Na história das guerras, somente os pontoneiros da Retirada da Russia foram grandes como os teus. Nas suas memórias, o sargento Bourgoigne, humilde herói da Epopéia napoleônica, diz: "Les pontonniers passèrent toute la nuit á travailler avec de l'eau jusqu'aux épaules". Esses destemidos artifices de d'Eblé "tiveram", escreve o conde Philippe de Ségur, "tudo a vencer, menos o inimigo". Parece-me lêr gloriosos retalhos das tuas citações em ordem do dia: "Trabalhou desde as tres da madrugada até as sete da noite, sem descanso, na ponte sôbre um tremedal, para a passagem do Exercito, sem abrigo para a chuva e sem alimentação. . ." "Estivou o pantanal com grande sacrificio; trabalhando dentro d'agua na estação invernososa. . ." "Trabalha debaixo de fogo. . ."

Vós sabeis, melhor do que ninguem, que "a disciplina militar prestante" de Camões "não se aprende na fantasia". Vós sabeis, officiais e soldados, que a adquiristes no trato dos soffrimentos, na constancia das privações e na prática do sacrificio.

O decreto da criação do vosso batalhão trazia nas suas dobras um símbolo. Todos os corpos de qualquer arma do Exército Imperial tinham Primeiro Uniforme. Negaram-vos a grande gala. Essa exceção foi uma honra insigne. Quem era destinado a arduas tarefas não carecia de enfeites. Então, fostes buscar vossos ornatos e apeiros, impavidamente, nas lides guerrilhas: condecorações, citações refulgentes.

Como ganharam vossos antecessores êsses laureis inescitáveis? Trabalhando dia e noite na abertura de trincheiras de baixo da metralha paraguaia. Desabrigados, era vosso mister construir abrigos para os outros. Lanaçando pontes sobre os charcos, expostos à chuva de agua do céu e à chuva de balas dos inimigo. Equecendo a alimentação e memo a própria morte, quando brandeis picaretas, alviões, enxadas, machados e pás.

Como aos pontoneiros de d'Eblé se deve a passagem do Berzina, porque venceram o rio, enquanto os outros combatiam os russos, a vós se deve a celebre marcha de flanco do Chaco. Si Caxias a planejou e dirigiu, si a infantaria nortista atravessou aquele inferno, foste vós, estivado a lama, vivendo dentro de dias e noites, forrando de troncos o chão mole para a travessia das viaturas, dos armões, das peças e dos cavalos, quem venceu o pântano, que era alí o nosso maior inimigo. Infantes, artilheiros, cavalarianos, êsses derrotaram os soldados de Lopez; vós domastes a natureza, vós batestes o próprio Chaco dentro d'êles mesmo!

Sois herdeiros duma gente de bronze, sucessores de magnífica galeria de heróis: Emiliano de Carvalho, Auroca, Augusto Machado, Floriano Peixoto, Antonio Tiburcio, Porto-Carreiro, Conrado Bittencourt, Villagran Cabrita, Juvencio de Menezes, Gomes Carneiro, Bibiano Costallat, Amarante, tantos outros. Este foi ferido no Chaco, aquele morreu em Pirajú, aquele outro tomou em Humaitá. Um foi heroi no forte de Coimbra, outro na Laguna, outro na Redenção, ainda outro na Lapa. Não lhes dei postos, nem especifiquei o que fizeram. As ações illustres não têm cotejo e os heróis não tem galões.

A vossa herança é pesada, porque é de oiro de lei e o oiro pesa o que vale e vale quanto pesa. Estou, todavia, certo que sa-

bereis guardá-la bem. Não só isso, permiti, que seria pouco para a gente cujos maiores atacaram Humaitá, estiveram o Chaco e trabalhavam sem descanso e sem viveres. Estou, assim, seguro que ansiais por aumentá-la e que nossos descendentes são de lêr vossa história com muito mais entusiasmo do que eu a li, pois, será, no seu tempo, maior e mais rebrilhante.

Terminando esta fala, quero contar-vos uma história. E' da França, mas não estrangeira, que a valentia nunca teve pátria.

Era na guerra de 1870. Travava-se a batalha de Sedan. A cavalaria pesada de Napoleão III esgotara-se em cargas sucessivas, sem o menor resultado, contra as linhas alemãs. Nessas cargas, o general Marguerite perdera um a um os maravilhosos regimentos de sua divisão de couraceiros. De repente, um ajudante de campo traz-lhe do quartel-general do comando em chefe ordem de carregar novamente à testa dos couraceiros. E êle, pálido dos ferimentos, respingado de sangue, agita o sabre no ar, aponta os montões de cadaveres, e responde com entono heróico: "Couraceiros!... Couraceiros!... Não ha mais couraceiros!"

Vossa herança de glória, oficiais e soldados, obriga-vos a só desaparecer em condições semelhantes. E, si cessardes de existir dessa invejavel maneira, num dia de batalha, não cessareis nunca de viver no coração imenso da vossa Pátria !

---

## A V I S O

Toda a importancia destinada a esta "Revista", deverá ser remetida em vale postal ou valor declarado, endereçada ao Diretor Gerente e para ser paga na Diretoria Regional dos Correios e Telegrafos do Distrito Federal.

A GERENCIA.